UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE GESTÃO
CIÊNCIAS ECONÔMICAS

EUCLÉCIA MARIA DE ARRUDA

TEORIA ECONÔMICA DISTRIBUTISTA: uma breve revisão de seus principais aspectos sob a ótica de Belloc e Chesterton

CARUARU
2023

EUCLÉCIA MARIA DE ARRUDA

TEORIA ECONÔMICA DISTRIBUTISTA: uma breve revisão de seus principais aspectos sob a ótica de Belloc e Chesterton

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Ciências Econômicas do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de artigo científico, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Ciências Econômicas.

Área de concentração: História Econômica

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Lucilena Ferraz Castanheira Correa

CARUARU

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Arruda, Euclécia Maria de .
Teoria econômica distributista: uma breve revisão de seus principais aspectos sob a ótica de Belloc e Chesterton / Euclécia Maria de Arruda. - Caruaru, 2023.
30p.

Orientador(a): Lucilena Ferraz Castanheira Corrêa
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Ciências Econômicas, 2023.

1. Distributismo. 2. Doutrina Social da Igreja. 3. História Econômica. 4. Corporação Cooperativa Mondragón. 5. Teoria Econômica Distributista. I. Corrêa, Lucilena Ferraz Castanheira. (Orientação). II. Título.

330 CDD (22.ed.)

EUCLÉCIA MARIA DE ARRUDA

TEORIA ECONÔMICA DISTRIBUTISTA: uma breve revisão de seus aspectos principais sob a ótica de Belloc e Chesterton

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Ciências Econômicas do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de artigo científico, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Ciências Econômicas.

Aprovada em: 09/05/2023.

BANCA EXAMINADORA:

_____
Profa. Dra. Lucilena Ferraz Castanheira Correa
(Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste

_____
Profa. Dra. Isabella Leitão Neves Frota
(Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste

_____
Prof. Dr. Márcio Maciel Miceli de Souza
(Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste

“Ao meu amado Dom Henrique Soares da Costa (*in memoriam*) que com a sua vida me mostrou que o mais importante é aplicá-la numa causa que valha a pena: a salvação das almas.”

AGRADECIMENTOS

Esta deveria ser a parte mais fácil de todo o trabalho, por ser algo que é precisamente necessário a todo ser humano para que viva melhor: agradecer. Agradecer pelas alegrias e pelas intempéries do dia a dia, pelas conquistas e pelas derrotas, pelas tentativas executadas com resultado desastroso ou de grande sucesso. Sempre agradecer, em especial, pelo magnífico dom da vida que nos é dada a cada instante pelo Espírito que sopra em nossas narinas o sopro da vida que não nos pertence. Neste momento, então, dirijo-me ao Senhor que com infinita misericórdia tem me sustentado e nas minhas maiores misérias tem se compadecido de mim. Obrigada, Cordeiro Santo, meu Senhor e meu Deus, pelo Seu Corpo Místico que na Terra orienta as nações no caminho rumo aos Céus, por sua boníssima mãe e minha Senhora Imaculada e generalíssima do Brasil, consoladora dos aflitos. Obrigada pelo Seu Corpo Místico, a Igreja Católica Apostólica Romana, que na Terra orienta as nações no caminho rumo aos Céus e por todos os santos que nos destes para servirem de luminosos faróis neste vale de lágrimas.

Agradeço, por conseguinte, aos meus pais, Maria e José, que sempre cuidaram de mim e me deram o apoio necessário para chegar até aonde eu for, mesmo quando não mais estiverem aqui. Aos meus irmãos, Luiz e Euclécio, que não diferente dos nossos pais sempre estiveram presentes na vida da caçula e à toda parentela, representada aqui pela minha doce tia Luciene e pelo tio Josielito por tão afetuoso carinho sempre dispensado em abundância.

Aos meus amigos, o meu mais sincero obrigada, vocês são presença de Deus para suavizar as agruras do caminhar, dentre esses, faço menção à Erick Moreira, Jefferson Rodrigues, Joana Galvão, José Alexandre, Josenilda Nair, Josivaldo Dantas, Patrícia Campos, Rafaela Minelli, Sophia Andrade, Ubiravam Farias e Walisson Honorato. Entre si vocês não se conhecem todos uns aos outros, mas fazem parte da minha vida de maneira inenarrável.

Em especial, agradeço ao querido Rhuan Reis do Nascimento que foi uma pessoa muito acolhedora nos meus momentos de dúvida e que com toda presteza de se pôs a me ajudar com indicações e materiais, como o bom samaritano carregou comigo um pouco da cruz.

À UFPE, no corpo docente do Núcleo de Gestão do CAA, mencionando especialmente os professores Marcio Miceli, Lindenberg Xavier, Fernando Nascimento, Isabella Frota e a minha querida Lucilena Castanheira, obrigada por seus ensinamentos para além da Economia. Aos demais amigos que são e que foram colaboradores nesta instituição, o Sr. Jesualdo, segurança, o Antônio e a Ana da higienização, aos professores Giuliana e Gustavo Bono, aos secretários de PPG George Andrade, Jordana Lira, Marcelo Wanderley, Rodrigo Albuquerque e a Maria do Socorro Silva.

"Gloria Dei vivens homo. Vita hominis visio Dei."
(A glória de Deus é o homem vivo. A Vida do homem é a visão de Deus.)

Adversus Haereses IV, 20, 7, + Santo Doutor Irineu de Lyon

RESUMO

O presente trabalho versa sobre como a Igreja Católica Apostólica Romana sugeriu maneiras alternativas de sobrevivência frente aos novos problemas de jornadas de trabalho abusivas e as más condições advindas da Revolução Industrial tendo como objetivo geral apresentar o distributismo como alternativa possível para melhoria qualitativa do bem-estar social e econômico para a sociedade. Como objetivos específicos busca abordar o distributismo de forma exploratória; discutir acerca desta entre algumas correntes de pensamento, incluindo estudiosos brasileiros; e apresentar iniciativas que resultaram em falta de êxito e em acertos sob a perspectiva da Teoria Distributista. Partindo da *Encíclica Rerum Novarum*, apoiada na tradição filosófica, os pensadores Hilaire Belloc e Gilbert Keith Chesterton difundiram suas ideias por meio dos seus livros e através do jornal próprio G.K.'s Weekly. O foco destes autores sempre foi atingir o homem comum e lhe apontar caminhos para saída da subserviência para a liberdade. Com isto, buscaram de maneira prática a aplicação dos princípios expostos pela Doutrina Social da Igreja, sugerindo como alternativa ao capitalismo e socialismo muito latentes na época, o Distributismo. Esta teoria econômica tem como fundamento principal a posse dos meios de produção pelo indivíduo para que seja capaz de suster a si e aos seus, inserido em um contexto de associação e colaboração. Disto surgem as ideias de guildas de artesãos e de cooperativas de trabalhadores. Estão expostos também erros cometidos que causaram a extinção da Guilda de São José e São Domingos, assim como os acertos de iniciativas como da Mondragón Cooperative Corporation que apresenta resultados muito satisfatórios até os dias atuais. A importância da teoria aqui abordada em relação as já exaustivamente discutidas pela academia é ressaltada pela atual circunstância em que a sociedade se encontra, no esgotamento das diversas tentativas de execução de teorias que ignoram as condições humanas e naturais.

Palavras-chave: Distributismo. Doutrina Social da Igreja. História Econômica. Corporação Cooperativa Mondragón. Teoria Econômica Distributista.

ABSTRACT

The present work deals with how the Roman Catholic Church suggested alternative ways of survival in the face of the new problems of abusive working hours and the bad conditions arising from the Industrial Revolution, with the general objective of presenting distributism as a possible alternative for qualitative improvement of social and economic well-being for society. As specific objectives it seeks to address distributism in an exploratory way; discuss about this among some currents of thought, including Brazilian scholars; and to present initiatives that resulted in lack of success and successes from the perspective of Distributist Theory. Starting from the Encyclical Rerum Novarum, based on the philosophical tradition, the thinkers Hilaire Belloc and Gilbert Keith Chesterton spread their ideas through their books and through G.K.'s own Weekly newspaper. The focus of these authors has always been to reach the common man and point out ways out of subservience to freedom. With this, they sought in a practical way the application of the principles expounded by the Social Doctrine of the Church, suggesting as an alternative to capitalism and socialism very latent at the time, Distributism. This economic theory has as its main foundation the possession of the means of production by the individual so that he is able to sustain himself and his own, inserted in a context of association and collaboration. From this arise the ideas of artisans' guilds and workers' cooperatives. There are also mistakes made that caused the extinction of the Guild of San José and Santo Domingo, as well as the successes of initiatives such as the Mondragón Cooperative Corporation that presents very satisfactory results to the present day. The importance of the theory discussed here in relation to those already exhaustively discussed by the academy is highlighted by the current circumstance in which society finds itself, in the exhaustion of the various attempts to execute theories that ignore human and natural conditions.

Keywords: Distributism. Social Doctrine of the Church. Economic History. Mondragón Cooperative Corporation. Distributist Economic Theory.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CIC Catecismo da Igreja Católica

DSI Doutrina Social da Igreja

G.K. Gilbert Keith Chesterton

GS Constituição Pastoral *Gaudim et Spes*, sobre a Igreja no mundo contemporâneo

LC Instrução *Libertatis Conscientia*, sobre a liberdade cristã e libertação

LE Encíclica Papal *Laborem Exercens*, sobre o trabalho

LN Instrução *Libertatis Nuntius*, sobre as teologias da libertação

OA Carta Apostólica *Octogesima Adveniens*, sobre a dimensão social do comportamento humano

QA Encíclica Papal *Quadragesimo Anno*, sobre a ordem social

RN Encíclica Papal *Rerum Novarum*, sobre a situação dos operários

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	**11**
1.1	OBJETIVO GERAL	13
1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
2	**REFERENCIAL TEÓRICO**	**14**
2.1	QUEM FORAM GILBERT KEITH CHESTERTON E HILAIRE BELLOC.	14
2.2	O PENSAMENTO ECONÔMICO DISTRIBUTISTA	15
3	**METODOLOGIA**	**18**
4	**O PAPEL DA PROPRIEDADE SOB A ÓTICA DO DISTRIBUTISMO.**	**19**
4.1	DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS ENTRE O DISTRIBUTISMO E OUTRAS TEORIAS	19
4.2	APLICAÇÕES DO PENSAMENTO DISTRIBUTISTA	22
4.2.1	**Guilda de São José e São Domingos**	**22**
4.2.2	**Mondragón Cooperative Corporation**	**23**
4.3	OBSERVAÇÕES	25
5	**CONSIDERAÇÕES FINAIS**	**26**
	REFERÊNCIAS	**28**

1 INTRODUÇÃO

A Teoria Econômica Distributista originada na obra *"O Estado Servil"* do francês Joseph Hilaire Pierre René Belloc (1870-1953) e propagada em diversos artigos escritos pelo inglês Gilbert Keith Chesterton (1874-1936) deram origem ao livro *"Um esboço de sanidade – Pequeno manual do distributismo"*.[1]

Diante dessa perspectiva, é valoroso ressaltar que a referida teoria tem como objetivo levantar a discussão da necessidade da descentralização dos meios de produção, alavancando a importância da propriedade privada no sentido de prover o necessário para o indivíduo e seu núcleo familiar.

Nesse sentido, Nascimento (2016), vem mostrar a contribuição dos pensadores Belloc (1912) e Chesterton (1927) para a relevância do pensamento distributista. Os ideais dessa visão a princípio foram publicados no Jornal Eye-Witness, jornal este, que em 1925 mudou de nome para *G.K.'s Weekly*, despontando como principal meio de difusão de obras desde literatura como "Padre Brow" até escritos jornalísticos e filosóficos da época. Seus textos expunham suas convicções de cunhos social e político, cabendo nestes, o distributismo. Vale salientar que, são estes artigos de Chesterton que posteriormente compilados dão vida e forma ao livro *"Um esboço da sanidade: pequeno manual do distributismo"*.

É importante ressaltar que, para incrementar a renda e obter fundos para sustentar o seminário *G.K's Weekly*, posteriormente, fundaram a *Liga Distributista*, mais precisamente em 1926, cujo primeiro presidente fora o Gilbert Chesterton e após o seu falecimento o cargo passou a ser ocupado por Hilaire Belloc[2].

Dessa forma, o distributismo, distributivismo, distribucionismo ou mesmo, a Teoria Distributista, surge sob a influência básica da encíclica papal RN que detinha preocupações sobre as modificações estruturais dos últimos séculos, onde a sociedade experimentava progressos na indústria e concentração de riqueza. De um lado com as injustiças sociais, no sentido de salários inadequados e longas jornadas de trabalho que levavam os trabalhadores à mercê dos empresários, do outro, falsas soluções que versavam designar responsabilidades maiores ao Estado, o que tornava ainda pior a situação por violar do indivíduo o seu direito de

---

[1] Ressalta-se suas principais influências a encíclica papal *Rerum Novarum* (RN) e o pensamento do doutor angélico, São Tomás de Aquino.

[2] Ambos, pensadores ilustres de sua época, compartilhavam afinidades de ideias que advinham da mesma fonte, do catolicismo. Belloc desde o berço familiar, Chesterton, um pouco antes da publicação da sua obra *"Orthodoxy"* em 1908 já estava convencido de que a verdade que passara a vida inteira procurando estava sob o paradoxo da *Ortodoxia.*

propriedade[3].

Nesse sentido, as nações foram influenciadas pela cultura cristã através dos valores religiosos que tinham como um dos objetivos, os cuidados com os mais vulneráveis, na busca do reconhecimento dos direitos humanos fundamentais. Esses direitos foram inspirados através de criações assistenciais de hospitais, asilos e orfanatos, assim como a oficinas e grêmios profissionais (SHACHERI, 2014).

Quando surge o capitalismo[4], Sacheri (2014, p.18) ressalta os danos que a Revolução Francesa causou ao seu povo, como quando por ocasião da lei Le Chapelier[5] onde os revolucionários suprimiram os direitos de reunião e associação, dissolvendo os grêmios profissionais existentes, os mesmos, foram confrontados por ordens religiosas da época.

É importante mencionar Ramalhete (2017, p. 26) quando diz que "o que é justo, obriga". Com isto, ele afirma que não se pode escolher se deve ou não fazer, concluindo que, exatamente porque convivemos em sociedade, as escolhas que fazemos, se justa ou injustamente, podem tomar grandes proporções; como acusa a RN sobre as novidades advindas da Revolução Industrial, que eram a exploração de homens e mulheres das mais diversas faixas etárias.

Diante desse contexto, a Doutrina Social da Igreja - DSI, que é um conjunto de diretrizes que visa orientar a sociedade em geral, vem trazer como base os princípios do direito natural estruturado na necessidade de justiça, através da compreensão de uma nova ordem social (RAMALHETE, 2017).

Assim, o presente trabalho tem como propósito a discussão de ideias a respeito dos problemas trazidos tanto pelo capitalismo quanto pelo socialismo, que ao final das contas, recaem sobre a questão da posse e administração da propriedade privada, levando a discutir acerca da Teoria Distributista como mais uma vertente do pensamento econômico.

> [...] ainda que o coletivismo, na aparência, seja oposto ao individualismo, não obstante, nas suas respectivas raízes e mesmo nas suas consequências, podem encontrar-se muitos pontos comuns. Assim, uma exacerbação exagerada do coletivo e da igualdade pode dar lugar a outra modalidade de individualismo, em que cada indivíduo reivindique os seus direitos sem se tornar responsável pelo bem comum de todos. É a atitude cómoda daqueles que afirmam que o Estado tem de resolver todos os problemas sociais, opondo-se ou dificultando a iniciativa social dos cidadãos e suas associações, contribuindo para os solucionar (MELÉ, 2003, p.86-87).

Diante desta perspectiva, fica proposto neste trabalho fazer uma apresentação do pensamento econômico que surgiu não como uma segunda via e nem como terceira, pois não

---

[3] IGREJA CATÓLICA. Papa (1878-1903: Leão XIII). Carta encíclica de Sua Santidade o Papa Leão XIII "Rerum Novarum" sobre a condição dos operários. 1891, p.2.

[4] a Igreja se pôs de maneira ainda mais enérgica contra a usura através de suas exortações, como a Bula Papal de Sisto V, – *Detestabilis (21/10/1586)*; e a Bula de Bento XIV, – *Vix Pervenit (1º/11/1795)*.

[5] Tradução por Luiz Arnaut, disponível em < https://www.fafich.ufmg.br/hist_discip_grad/LeiChapelier.pdf >.

existem duas predecessoras, mas somente uma, dado que a sua raiz é a mesma.

1.1 OBJETIVO GERAL

Diante desse contexto, tem como proposta apresentar o distributismo como uma alternativa possível para a melhoria qualitativa do bem-estar social e econômico para a sociedade.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Abordar a teoria distributiva de forma exploratória, através das obras de Gilbert Keith Chesterton e Hilaire Belloc;
- Explorar a discussão acerca da teoria entre algumas correntes de pensamento, incluindo assim brasileiros pensadores e estudiosos do tema que abordaram estas discussões em seus trabalhos;
- Apresentar iniciativas que resultaram em falta de êxito e acertos sob a perspectiva da Teoria Distributista.

A estrutura do estudo será apresentada em cinco seções. O primeiro se refere a esta introdução, que em linhas gerais discorre sobre os aspectos principais que norteiam a atual pesquisa. No tópico dois trará como discussão o referencial teórico, em que abordará a bibliografia dos autores Gilbert Keith Chesterton e Hilaire Belloc e, a abordagem sobre o pensamento distributista. Na seção seguinte, a metodologia a que este estudo se propõe trabalhar. A quarta seção buscará abordar sobre as diferenças e semelhanças entre o distributivismo e a outras teorias e por conseguinte a finalização desta pesquisa, discorrerá sobre as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O distributismo, por ter como berço a Igreja Católica Apostólica Romana[6], herdou a filosofia tomista[7] na definição de seus principais conceitos e suas bases de trabalho para defesa do seu pensamento. Em especial as críticas de Chesterton a ambos os sistemas discutidos na época, capitalista e socialista, apesar de pesadas jamais perderam o seu bom humor e a sua leveza que lhe eram características próprias como escritor.

2.1 QUEM FORAM GILBERT KEITH CHESTERTON E HILAIRE BELLOC

Hilaire Belloc nasceu em 27 de julho de1870 na cidade de La Celle, em Saint Cloud, na França. Um ávido crítico do capitalismo, formado em História pela Universidade de Oxford, foi escritor não somente na área de sua formação, como também produziu obras de cunho científico militar, econômico e até novelas.

Apesar de buscar pela carreira acadêmica pela *All Souls College* suspeitou não a ter conseguido por sua postura católica sobre visão de mundo. Aos 19 anos mudou-se para Londres, onde conheceu o também historiador, Gilbert Keith Chesterton. (NASCIMENTO, 2016). Belloc despediu-se desta vida faltando poucos dias para completar 83 anos, em 16 de julho de 1953, deixando além da sua esposa, quatro filhos, sendo estes, dois homens e duas mulheres.

Chesterton, como é tratado por muitos, nasceu em Kensington, Londres, aos 29 de maio de 1874, vindo a falecer em 14 de junho de 1936. O filho do casal Edward Chesterton e Marie Louise Keith tinha mais dois irmãos, o Cecil Chesterton e a Beatrice.

Apesar de não ter sido um aluno de destaque na escola, este senhor sem dúvidas nasceu com o dom para ser um estudioso. É importante ressaltar que, o mesmo, ingressou na *Slade School of Art* em 1893 no curso de Arte, mas acabou desistindo e seguiu sua vida apaixonado por literatura, em grupo de estudos, revistas e jornais, fazendo o que sabia de melhor, escrever e debater (NASCIMENTO, 2016).

---

[6] Rhuan Reis do Nascimento, explica isso na nota de rodapé nº 3 da pág. 5 do seu artigo publicado em 2016, onde ele esclarece que o distributismo não foi algo inventado por Belloc e Chesterton, mas que esta ideia já estava contida na encíclica papal *Rerum Novarum*.

[7] Doutrina filosófico-cristã desenvolvida por São Tomás de Aquino e seguida por pensadores como Antonin Damlace Sertillanges (1863-1948), Étienne Gilson (1884- 1978), Reginald Garrigou-Lagrange (1877-1964).

2.2 O PENSAMENTO ECONÔMICO DISTRIBUTISTA

Belloc constatou que o principal problema econômico moderno estava contido exatamente na questão do controle dos meios de produção, pois quando a legislação faz com que os homens livres vendam a sua força de trabalho em troca do mínimo para sobreviver aos homens possuidores do meio de produção, encontram-se em um estado servil, cujo homem acaba por ter a sua liberdade verdadeiramente reprimida (NASCIMENTO, 2016).

Chesterton pensava da mesma forma. Entendia que o homem só pode ser livre se possui o necessário para manter a si e a sua família, levando a notar que o que era entendido como propriedade para ele, advinha da concepção de propriedade em Santo Tomás de Aquino, na sua Suma Teológica onde "a justa medida da propriedade é a necessidade" (NASCIMENTO; SILVA, 2018).

Este conceito de propriedade privada tomado pelos pensadores do distributismo deriva do direito natural em Santo Tomás de Aquino porque ela é algo com o qual o homem já nasce sendo detentor. Por causa da necessidade da propriedade à sua subsistência, ela é devida como forma de garantia para que o homem viva com a dignidade que é própria do ser humano (VILLEY, 2014).

Nesse sentido, para entender o pensamento chestertoniano é preciso buscar a raiz da sua filosofia. Esta raiz encontra-se nas suas obras como paradoxos. O paradoxo do Homem Eterno, por exemplo é um deles cuja expressão é o nome de um de seus livros, pois: "Se Deus, como pode ser homem? Se homem, como pode ser Deus?" (BARCELLOS, 2018, p.155).

Nesse sentido Barcellos, (2018, p.155), menciona que Chesterton "estava convencido ainda antes da sua conversão ao catolicismo de que a verdade se encontrava imutável na doutrina católica, o que ele entendeu por bem chamar de Ortodoxia".

Isso o levou a, junto com o Belloc, elaborar e propor o distributismo que vai de encontro ao pensamento materialista, sendo que este último tem dado ser um pensamento que entende a religião como uma forma de prisão, estando essa com a sua razão em estimular a esperança do homem numa quimérica vida futura, para os materialistas, isto acabaria por atrapalhar a construção da cidade terrestre[8].

Diante dessa perspectiva, a noção de propriedade privada é muito presente e é de fundamental importância para que se tenha uma correta percepção do que vem a ser o

[8] De acordo com Catecismo da Igreja Católica (CIC) no artigo 285, os materialistas desconsideram a origem transcendente do mundo e (2124) limitam suas necessidades e ambições ao espaço e ao tempo. Assim, abrem cabimento para as refutações e proposições de Belloc e Chesterton.

distribucionismo. Em sua natureza primeira, ele carrega o pressuposto de que o homem para ser plenamente livre precisa portar capacidade de autossustento seu e de seus dependentes, cabendo aí a relevância da família e da liberdade. Nascimento (2016) mostra isto no seu trabalho quando apresenta uma tradução do debate de dezembro de 1907 na Revista New Age[9] entre Belloc e Chesterton frente a George Bernard Shaw e Herbert George Wells, onde Belloc afirma que para que o homem seja feliz ele deve ser proprietário, pois, segundo ele, não se pode viver numa vida ao menos tolerável sem o mínimo necessário dos meios de produção. O mesmo pensamento é defendido por Belloc em seu livro *Um ensaio sobre a restauração da propriedade* quando diz: "A família é idealmente livre quando controla totalmente todos os meios necessário para a produção da riqueza que deveria consumir para vida normal."[10] (BELLOC, 2002, p. 26, tradução nossa).

Essa necessidade dos meios de produção é eminente porque para os distributistas implica em liberdade:

> [...] os distributistas, ao contrário dos capitalistas, defendiam uma filosofia completa de liberdade, que compreendesse, sobretudo, a liberdade de desenvolvimento e de aperfeiçoamento pessoal, da participação na vida coletiva e da contribuição pessoal à construção do bem comum. Essa concepção de liberdade vai além da ausência de restrições ou da busca por satisfação de impulsos característica do pensamento filosófico moderno. A liberdade de acordo com a ótica distributista constitui um valor tão alto que não deve ser trocada nem por melhorias sociais (NASCIMENTO, 2016, p.6).

Esta visão de liberdade pode ser encontrada na Suma Teológica de Santo Tomás de Aquino na IIa-IIae, q.66, a.2, como bem sintetizaram Nascimento e Silva (2018, p.114), que é a necessidade quem determina a medida da propriedade. De acordo com estes autores, Santo Tomás trata dos poderes sobre as coisas, ou seja, da propriedade, como que de uso e de administração e distribuição, no qual o primeiro aborda a questão do suprimento das necessidades alheias, onde a propriedade deve ser individual, mas que em situação de necessidades comunitárias que sirva para uso coletivo. Já o segundo direito dos motivos para a posse, que seria o de administrar e distribuir possuem três razões fundamentais para tal: a melhor administração daquilo que lhe pertence, maior eficiência por ser uma administração específica, e o último, pela paz, pois com posse daquilo que lhe seria necessário para bem viver não haveria motivos para conflitos.

---

9 Revista pertencente ao grupo da Sociedade Fabiana, sociedade cujo intuito era promover as ideias de Karl Marx por meio de medidas socialistas graduais (NASCIMENTO, 2016).

10 "The family is ideally free when it fully controls all the means necessary for the production of such wealth as it should consume for normal living." (BELLOC, 2002, p.26)

A propriedade, vista ainda sob a ótica da doutrina católica, também é defendida como condição de liberdade[11], onde alega que os regimes que negaram a propriedade do indivíduo culminaram por sucumbir sua liberdade. A propriedade, porém, defendida pela Igreja através do seu Magistério, mesmo que sendo um direito natural do ser humano, deve ser submetida a função social (NASCIMENTO; SILVA, 2018).

Apreende-se, do que fora visto até então, que a autonomia econômica do homem é o caminho, por vias distributistas, ao qual se chegaria a este estado de liberdade tão bem-quisto. De forma que, o que vier a ameaçar esta autonomia deve ser tolhido do meio social para não interferir nesta condição natural do indivíduo.

11 IGREJA CATÓLICA. Papa (1958-1963: João XXIII). Carta encíclica de Sua Santidade o Papa João XXIII "Mater et Magistra" sobre a evolução da questão social à luz da doutrina cristã. 1961, p. 109-111.

3 METODOLOGIA

Neste trabalho será aplicada a metodologia de pesquisa bibliográfica, tomando como fontes principais as obras dos autores da teoria distributista, Joseph Hilaire Pierre René Belloc e Gilbert Keith Chesterton. Serão utilizados também material de institutos de pesquisa especializados em pensamento do Chesterton e suas obras, como a Sociedade Chesterton Brasil e textos publicados em anais, congressos, revistas, jornais e outros que tratem do tema ou do pensamento dos autores citados acima sempre que for necessário e conveniente.

O método lógico a ser abordado será observacional, apesar de partir de concepções pré-estabelecidas como por exemplo, o sentido de liberdade e propriedade em Santo Tomás. Será explorado o sentido da teoria e os casos em que ela fora aplicada, a fim de melhor entender e explicar sua estrutura, tanto teórica quanto prática, suas possibilidades de aplicação.

Assim sendo, a pesquisa bibliográfica que caracterizará este trabalho, vem a partir de busca de fontes escritas sobre o tema, possuindo uma estrutura sistemática a ser tratada que envolve, de acordo com Gil (2002), dentre as suas etapas, as fases de busca e leitura da matéria, assim como fichamento, organização lógica do assunto abordado e, por fim, a redação do texto.

Vale ressaltar que, mesmo sendo um assunto brandamente discorrido na academia quando comparado com outros mais comuns, a quantidade de material disponível supera a possibilidade de abordagem dentro deste artigo que busca timidamente introduzir o caríssimo leitor no tema proposto.

4 O PAPEL DA PROPRIEDADE SOB A ÓTICA DO DISTRIBUTISMO

O distributismo, defende que a propriedade dos meios de produção precisa ser tão difundida quanto possível entre a população, para que não incorra na circunstância de ser centralizada sob o controle de alguns burocratas, que seria no socialismo de estado, ou então de alguns indivíduos ricos, que neste caso viria a ser o modo capitalista de organização. Esta ideia está compactada em uma frase de Chesterton (1921) que diz que quanto mais capitalismo houver, menos capitalistas existirão.

O distributismo se distingue pela distribuição da propriedade (não deve ser confundido com a redistribuição da riqueza). Seus autores afirmam que, uma vez que o socialismo de Estado não permite que os indivíduos possuam os meios de produção (monopolizados pelo Estado, a comunidade ou coletivos de trabalhadores), e uma vez que o capitalismo permite que apenas alguns possuam, o distributismo procura garantir que a maioria das pessoas possam tornar-se proprietários de bens de capital. Como disse Belloc (2002), a implantação do distributismo leva a formação de um aglomerado de famílias em variadas posições econômicas, mas que se pode perceber de longe uma clara evidência no que tange ao maior número de proprietários de meios de produção possível. Essa ampla distribuição não se estende a todas as propriedades, mas apenas aos bens de produção; isto é, a propriedade que é usada para produzir riqueza, tudo o que o homem precisa para sobreviver. Isso inclui solo, ferramentas etc.

Assim, o estado distributista, como apresentado por Belloc (2017), era um aglomerado de famílias cuja estabilidade se dava pela existência de órgãos cooperativos que agrupavam os homens que possuíam o mesmo ofício e/ou que habitavam os mesmos vilarejos, assim como também garantia, por sua maneira organizacional e funcional a não formação de proletariado, já que todos os indivíduos, servos, proprietários livres ou mesmo guildas (associação de trabalhadores em forma de cooperativas) possuíam de maneira peculiar a sua situação os meios necessários para a sua subsistência e da sua família.

4.1 DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS ENTRE O DISTRIBUTISMO E OUTRAS TEORIAS

À primeira vista, o leitor pode ser conduzido a imaginar que o distributismo viria a ser uma espécie de coletivismo, aonde os indivíduos se unem e partilham os seus bens entre todos. Porém, essa caracterização seria tão inapropriada quanto dizer o mesmo dela relacionando-a ao individualismo. Isto acontece porque, como dito massivamente nos capítulos anteriores, esta

teoria decorre da DSI, que condena o individualismo[12] e o coletivismo[13], como pode ser observado nos escritos de Domènec Melé (2003, p.87): "Nas suas raízes, tanto o individualismo como o coletivismo esquecem a vocação transcendente do homem e a necessidade de contribuir para o bem dos outros a fim de se melhorar a si mesmo e tornar mais humana a vida social." Assim escreve também Villar (2020, p.175):

> A primeira grande lição que Chesterton tenta transmitir nestas páginas é que, por muito tempo, nos ensinaram que individualismo e coletivismo são modelos antagônicos e, consequentemente, você deve se posicionar entre um capitalismo plutocrático e monopolista ou um comunismo materialista. É precisamente aqui que discorda, propondo que, mais do que a destruição dos modelos econômicos e sociais, o que se deve procurar é a forma como ambos podem ser complementares, defendendo sempre a dignidade humana e a liberdade real da pessoa, evitando a concentração de propriedade e desapropriação de outros. (Tradução nossa)[14]

O distributismo, objetivamente não prega a igualdade e nivelação de bens e riquezas, mas que cada um, em sua particularidade, com a ajuda dos seus semelhantes que coabitam ao meio no qual se encontra inserido, adquira e desenvolva capacidades que propiciem o seu crescimento sem que o indivíduo se torne dependente, mas que alcance a liberdade. Isto fica ainda mais claro quando observamos na Constituição Pastoral *Gaudim et Spes* - GS, escrita em 1965:

> 29. (...) embora entre os homens haja justas diferenças, a igual dignidade pessoal postula, no entanto, que se chegue a condições de vida mais humanas e justas. Com efeito, as excessivas desigualdades econômicas e sociais entre os membros e povos da única família humana provocam o escândalo e são obstáculo à justiça social, à equidade, à dignidade da pessoa humana e, finalmente, à paz social e internacional.
>
> Procurem as instituições humanas, privadas ou públicas, servir a dignidade e o destino do homem, combatendo ao mesmo tempo valorosamente contra qualquer forma de sujeição política ou social e salvaguardando, sob qualquer regime político, os direitos humanos fundamentais. Mais ainda: é necessário que tais instituições se adaptem progressivamente às realidades espirituais, que são as mais elevadas de todas; embora por vezes se requeira um tempo razoavelmente longo para chegar a esse desejado fim (CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES, 1997).

Tomando conhecimento então das orientações originárias do distributismo, ou seja, dos documentos que formam DSI, é possível constatar que o que se busca de fato é a equidade enquanto fim, mas com os meios necessariamente justos para alcançar este objetivo, pois neste

[12] Cf. QA 65; OA 23; LC 13; GS 30.
[13] Cf. OA 34; LE 11; LN Cap 1 I, 6-8.
[14] "La primera gran enseñanza que Chesterton trata de transmitir en estas páginas es que, durante mucho tiempo, nos han enseñado que el individualismo y el colectivismo son modelos antagónicos, y en consecuencia debes posicionarte entre un capitalismo plutocrático y monopolista o un comunismo materialista. Es precisamente aquí donde discrepa, proponiendo que, más que la destrucción de los modelos económicos y sociales, lo que hay que buscar es la manera en que ambos puedan ser complementarios, defendiendo siempre la dignidad humana y la libertad real de la persona, evitando la concentración de la propiedad y que se desposea al prójimo." (VILLAR, 2020, p.175)

caso, os meios de como conquistar o fim pretendido são tão importantes quanto o objeto da busca. De acordo com Freire (2015), para que isto aconteça é necessário ao homem tomar consciência de suas reais necessidades e das dos seus semelhantes, dividindo os meios de produção que são passíveis de serem assim manejados, e preparando-se para a separação umbilical, ou seja, para a sua tão sonhada liberdade, advinda de seus esforços na aquisição de seus próprios meios de produção.

> O distributivismo não pode ser confundido com a estatização dos meios de produção, ou sua redistribuição forçada pelo Estado, que seria socialismo. (...) A descentralização também não se dá por meio de um liberalismo fora de perspectiva. Se o único valor do indivíduo for a vitória do mundo capitalista – jogando a caridade no lixo –, esse mesmo indivíduo pode perfeitamente usar essa vitória, não para prestar serviços e fornecer bens dos quais as pessoas precisam, mas para colocar em uma péssima situação seus trabalhadores, ou para destruir o próprio sistema capitalista (FREIRE, 2015, p. 1).

Em *"O Estado Servil"*(2017), Belloc traz luz a esta situação quando retrata as três modalidades de trabalho exercidas durante a Idade Média, ele as apresenta como três: servo, proprietário livre e guildas: os servos não eram donos de suas produções, mas sim o seus senhores (podendo haver acordos entre eles que lhes permitiam a retenção de uma parte do que havia sido feito) que lhes dispensavam os mantimentos conforme a necessidade percebida e que eram também donos dos meios de produção dos quais os servos utilizavam; os proprietários livres eram homens independentes que produziam sob os domínios alheios também, mas com o diferencial de haver um acordo entre partes que permitia um pouco mais de liberdade para produzir o quanto fossem capaz para além daquilo que precisaria ser repassado para o senhor, estes homens, em boa quantidade eram descendentes de servos que haviam alcançado suas liberdades por meio de suas economias ou concessões; por último, as guildas eram associações de trabalhadores que produziam de forma cooperativa, aonde o capital era bem repartido, tanto o físico quanto o humano. Estes homens, ingressavam na vida laboral com a ajuda de um mestre, alguém que era profissional em uma atividade específica recebia jovens que por algum tempo iriam trabalhar gratuitamente ali até que adquirisse e desenvolvesse suas próprias habilidades para executar também com maestria o ofício pretendido.

Dada a importância da propriedade privada e a devida distribuição desta, o distributismo se distingue tanto da economia solidária quanto da economia da comunhão, aonde em ambas propostas existe a partilha do resultado financeiro, da produção e não dos meios e/ou processos como ocorre no distributismo. Isto não implica dizer que não haja doações, mas sim que estas acontecem no âmbito pessoal e familiar, pois a caridade ocorre de maneira objetiva por meio de subsídios. No entanto, no que tange ao sistema distributista há um interesse maior em tornar

os indivíduos em detentores de conhecimento e geradores de bens/serviços no médio e longo prazo do que apenas ajudá-los com a subsistência imediata. Para além destas questões, existe ainda o fato da não intervenção governamental nos processos, pois acredita-se que maior será a eficiência quanto maior for a liberdade de ação dos envolvidos melhor será a autonomia e a independência nas tomadas de decisão.

Poder-se-ia imaginar, então, que em certa medida as cooperativas encontradas na sociedade atual seriam uma reprodução, do imaginário distribucionista. No entanto, mesmo que exista semelhanças entre os sistemas distributista e corporativista, como os paralelos entre corporações e guildas, estão presentes também diferenças fundamentais entre as duas filosofias, em particular a permissividade do corporativismo para com as grandes empresas e governos intervencionistas, bem como a rejeição da subsidiariedade.

4.2 APLICAÇÕES DO PENSAMENTO DISTRIBUTISTA

As instituições humanas a que se referem a DSI, são comumente vivenciadas com naturalidade, porque fazem parte do dia a dia da sociedade. As primeiras que conhecemos são as famílias, com suas regras de convivência e de cultura muito próprias, mas assim que começamos a crescer surgem também as instituições educativas, religiosas e sociais de maneira geral. O pensamento distributivista, afirma que o processo de produção de riquezas depende de três fatores: terra, trabalho e capital. As associações de pequenos produtores também podem ser vistas por esse prisma, uma vez que reúnem pessoas de forma voluntária em prol de uma atividade econômica em comum. Diante dessa perspectiva, pode-se citar algumas organizações sociais que podem se enquadrar dentro do pensamento distributista:

4.2.1 Guilda de São José e São Domingos[15] (1920-1989)

A Guilda de São José e São Domingos se estabeleceu uma comunidade em Ditchling, Inglaterra, na década de 1920, fundada por Eric Gill e Hilary Pepler onde desenvolviam suas atividades exercendo seus ofícios e negociando. Convertidos ao catolicismo na década anterior à criação da Guilda inspirados pela RN, seus fundadores propuseram como uma das regras principais a adesão de membros somente de religião católica, porque objetivavam incluir entre

[15] As referências deste tópico pertencem ao documento de autoria de Ruth Cribb e Joe Cribb: "*Eric Gill and Ditchling: the workshop tradition*" no capítulo "***The Guild of St Joseph and St Dominic (1920-89)***", Museum Ditchling, 2007.

o seu tempo de trabalho momentos de oração para introduzir o aspecto de louvor a Deus em suas obras.

No tempo de sua fundação, havia vários requisitos a serem cumpridos, dentre eles o de aceitar após a sua entrada na guilda a sua adesão automática ao *Spoil Bank Association Limited*. Era uma espécie de banco cooperativo que guardava e distribuía os fundos da guilda. Cada família permaneceu independente, tendo sua própria casa, e os artesãos se ajudavam em trabalhos comuns. Os artesãos que já viviam do seu trabalho poderiam filiar-se desde que cumprisse as regras da constituição da guilda, e os desejosos de pertencer a esta associação, além de seguir o que fora anteriormente mencionado, ingressavam para aprender a arte que desejasse. Aos poucos foi se formando uma comunidade ao redor da Guilda de São José e São Domingos, aonde mais artesãos se mudavam para morar próximo.

No ano de 1924 um dos fundadores, o Eric Gill, deixou a comunidade por motivos desconhecidos. Alegou que havia comprado outra propriedade e que para lá se mudaria. O que se sabe é que após a sua saída, regras mais rígidas como a adesão de membros como mulheres ou não católicos, foram se dissolvendo e passando a incluir ainda mais colaboradores.

Não existem relatos abundantes a respeito da Guilda, mas sabe-se quando os membros mais antigos começaram a necessitar de aposentadoria por já não mais ter condições de trabalhar não havia estrutura financeira preparada ao que se pôde observar, e por não terem provisionado tais aspectos, a associação culminou em seu fim, deixando de existir em 1989.

4.2.2 Mondragón Cooperative Corporation (1956-atual)

Um exemplo de cooperativa que fora criado sobre a ideia originária distributista se encontra na cidade de Mondragón, no país Basco. O Complexo Cooperativas Mondragón foi fundado em 14 de abril de 1956 pelo padre José María Arizmendiarrieta e reúne 120 empresas cooperativas. São 4 empresas de cooperativas agrícolas, 1 de consumo, 6 de consultoria, 1 de crédito, 8 cooperativas de educação, 87 industriais e 13 de pesquisa. De acordo com o Portal do Cooperativismo Financeiro (2016), todas as cooperativas de Mondragón são cooperativas de trabalho que possuem produtos e serviços diferentes entre si.

A história da Corporação de Cooperativas Mondragón, de acordo com Azevedo e Gitahy (2006, p. 1) pode ser apresentada, de maneira resumida, em três momentos:

- 1955-1970 - Formação das primeiras cooperativas e instituições de suporte:
    - *Financeiros*: criação da Caja Laboral, responsável por canalizar recursos advindos da captação de popança das cooperativas e dos cooperados para

o desenvolvimento cooperativo;

- *Trabalhistas*: criação da Lagun-Aro, responsável pelos cuidados de previdência social; e,
- *Educacionais/Tecnológicos*: criação de Centros de P&D, com o intuito de capacitação interna e de oferta de produtos próprios ao mercado, chegando em 1962 a oferecer cursos de automação, eletricidade, fundição, mecânica e moldes.

- 1970-1990 - Aumento quantitativo de cooperativas, vendas, postos de trabalho e centros de P&D, seguidos pela mudança nos agrupamentos de cooperativas por proximidade geográfica para nova organização mais estruturada e a implementação de um conjunto políticas "capitalização de resultados, flexibilização de calendário, transferência de sócios, redistribuição e recomposição financeira" (AZEVEDO; GITAHY, 2006, p. 1-2);
- 1990-atual - Formação da corporação com intuito de:
  - penetração mercadológica e sinergia entre as empresas do complexo;
  - redução de custo do capital e aumento da possibilidade de financiamento e desenvolvimento empresarial;
  - guiados por solidariedade, intercooperação e transformação social, alcançar a geração de riqueza e desenvolvimento tecnológico para melhoria da eficiência e competência;
  - realização de relações horizontais e verticais por meio da diversificação de produto nos agrupamentos setoriais.

Como a maneira de organização das cooperativas assume uma funcionalidade diferente de empresas comuns, os funcionários assumem de livre vontade posições de liderança e direção na cooperativa, sem adicional salarial.

> Os funcionários têm interesse em produzir mais, e ainda mais interesse no lucro da empresa, porque são eles, de certa forma, os próprios donos. Essas cooperativas já prosperaram tanto, que hoje a corporação de Mondragón forma um dos maiores complexos industriais da Espanha (FREIRE, 2015, p. 2).

Existe neste meio a seguridade trabalhista dada pela ausente ameaça de demissão e interesse comum no bem da instituição, pois se ela prospera todos ganham com isto. Nos casos de falência de alguma empresa do complexo, as demais possuem o compromisso de realocação de pessoal para que os cooperados não fiquem desamparados.

De certo modo, a Mondragón Cooperative seguiu aquilo que disse Chesterton (2013, p.

67), “Fazer o locatário e o locador a mesma pessoa tem certas vantagens, tal como o locatário não pagar o aluguel e o locador não trabalhar muito.” A esta afirmação, Freire (2015, p. 2) complementa: “Isso reduz os problemas que podemos ter com as associações sindicais de hoje, como as brigas entre sindicatos, ou dos patrões com os empregados.”

4.3 OBSERVAÇÕES

Desde a Guilda de São José e São Domingos até a Corporação Cooperativa Mondragón pode-se perceber o brotar de muitos avanços tanto na participação de membros quanto na evolução administrativa. Enquanto no primeiro caso se observou o surgimento de uma empreitada primitiva diante do cenário em que nascia, com diversas barreiras ao crescimento interno, no segundo fica notável o quanto a inclusão e a perspectiva de atualização para fazer frente ao mercado no qual pleiteava por seu espaço foi crucial para o seu sucesso.

A Corporação Mondragón, como aponta Romeo (2022), conseguiu não somente sobreviver às dificuldades iniciais do processo de formação, como se mantém ativa até hoje e espalhando suas ramificações sobre diversos setores, com foco em pesquisa e desenvolvimento se atualiza e se consolida com renome, por causa dos seus diferenciais mercadológico e competitivo, sendo guiada pelos princípios básicos de solidariedade, intercooperação e transformação social.

É possível inferir a partir disto que se os associados da Guilda de São José e São Domingos tivessem a preocupação administrativa, econômica e financeira da mesma maneira que a Mondragón Cooperative Corporation teve, a Guilda teria perdurado no mercado, assim como Hackl (2021) fala que Cleveland conseguiu se reinventar, ou então como o modelo Preston, que hoje é uma parte oficial do programa econômico do Partido Trabalhista Britânico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sistema distributista, mesmo tendo existido enquanto Estado em meados do século XV como bem apresenta o Belloc (2022, págs. 65-68), não é capaz de atuar com a mesma força nos tempos atuais**,** dada a forma de organização econômica que é deveras voltada para a produção e o consumo em larga escala. Se faz necessário então buscar, neste sentido, uma maneira adaptativa de projeção da teoria distributista sem perder o seu foco no tangente a execução.

Como mostra o caso de sucesso na aplicação desta teoria, que se encontram no segundo tópico do capítulo quarto deste trabalho e como bem lembra FREIRE (2015, p.2): "O distributivismo pressupõe a liberdade econômica dos liberais, e a adesão a princípios e valores atemporais dos conservadores. Para esse tipo de reforma não é suficiente a ausência de um governo excessivo, mas também deve estar presente o espírito da caridade." Isto nos aponta que é possível copiar/adaptar exemplos de cooperações entre indivíduos interessados em terem o seu próprio negócio sem almejar grandes fortunas de imediato, mas crescer e fazer crescer também aos demais membros sócios, que tenha em si o desejo de ter e de proporcionar aos seus uma vida digna, tendo em mente que o sucesso financeiro é uma decorrência do aprendizado contínuo, da colaboração social e do aperfeiçoamento profissional.

Não se pode fechar os olhos para a realidade enquanto anseios humanos. É sabido que o homem carrega dentro de si tendências para o bem e para o mal, e é sobre estas coisas que os principais autores aqui referenciados tratam como parte importante e não negociável. Se faz extremamente necessário ao homem enquanto indivíduo ter clara a importância da honestidade interna e externamente e compreender que sem esta, ele não chegará longe e menos ainda com êxito, como afirma Chesterton (2016, p.181): "[...] Queremos homens que pensem, não apenas num lugar que se interessariam em encontrar, mas num lugar onde se contentariam em ficar.".

Seja ressaltado aqui a grandiosíssima importância da propriedade de meios de produção como possibilidade de liberdade, quando lemos "Se o direito de posse é um direito comum, não pode ser um privilégio." (CORÇÃO, 2019, p. 202). Não é dito que a partir deste direito seja uma obrigação do Estado intervir nas atividades menores, mas exatamente o contrário, que os pequenos empreendedores se ajudem e que fortaleçam vínculos para crescerem juntos e assim, possam assistir aos que estão ao seu redor. Pois o objetivo prático desta aplicação é que quanto menor interferência de um grande governo melhor para que a comunidade se autogerencie e de maneira mais organizada se desenvolva evitando males terríveis como o da corrupção.

Concluindo este estudo e tomando como modelo o caso de sucesso do Complexo

Cooperativas Mondragón, deve-se ter em consideração a importância de apresentar esse tipo de negócio para o povo brasileiro que forma uma nação forte, batalhadora e com muita garra, rica em criatividade e inspiração advindas das belezas naturais deste território. A gente que mais sofre neste país é a mesma que se desdobra em estender a mão ao seu próximo em meio às dificuldades, assim, por mais complicadas que possam ser as circunstâncias, têm-se por natureza nas relações sociais a noção de empatia e solidariedade.

O maior desafio no Brasil talvez seja incitar a subsidiariedade com mínima participação do governo, ou no melhor dos mundos, sem a participação deste, já que a educação política que se tem atualmente é em certa medida muito rasa e se resume à espera de providências das esferas públicas com o menor esforço possível do cidadão. Ao conseguir implantar esta cultura nas pessoas se formará uma sociedade mais livre e menos injusta, com melhor qualidade de vida, independente de qual corrente política venha a lhe governar, como já fora dito no primeiro capítulo, o que propunha a base da teoria distributista, a Doutrina Social da Igreja.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Alessandra de; GITAHY, Leda. Corporação Cooperativa Mondragón - MCC: cooperativismo, autogestão e competitividade. **Inovação Uniemp**, Campinas v. 2º, n. 4, out. 2006. Disponível em <http://inovacao.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-23942006000400023&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 jun. 2023.

BARCELLOS, Igor Awad. Distributismo *versus* Materialismo: entre a Ortodoxia e a loucura em G.K. Chesterton. **Revista de Geopolítica**, Natal, v.9, nº 1, p. 153-166, jan./jun. de 2018. Disponível em: http://www.revistageopolitica.com.br/index.php/revistageopolitica/article/view/210/199. Acesso em 07 nov. 2019.

BELLOC, Hilaire. **An Essay on the Restoration of Property**. 1ª Ed. Norfolk: IHS Press, 2002.

BELLOC, Hilaire. **O Estado Servil**. Tradução de Fausto Machado Tiemann. 1ª Ed. Curitiba: Livraria Danúbio Editora, 2017.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

CHESTERTON, G.K. **O Que Há de Errado Com o Mundo**. Tradução de Luíza Monteiro de Castro Silva Dutra. 1ª Ed. Campinas: Ecclesiae, 2013.

CHESTERTON, G.K. **The uses of Diversity: a book of essays**. 1ª Ed. Cidade de Nova Iorque: Dodd, Mead and Company, 1921.

CHESTERTON, G.K. **Um Esboço da Sanidade: pequeno manual do distributismo**. Tradução de Raul Martins. 1ª Ed. Campinas: Ecclesiae, 2016.

CORÇÃO, Gustavo. **Três Alqueires e Uma Vaca**. 7ª Ed. Campinas: Vide Editorial, 2019.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES. **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II.** São Paulo: Paulus,1997.

CRIBB, Ruth; CRIBB, Joe. Eric Gill and Ditchling: the workshop traditior. **The Guild of St Joseph & St Dominic (1929-80)**. Páginas 24-31. (S.I.) Ed. Ditchling: Ditchling Museum, 2007. Disponível em: https://www.academia.edu/1628468/The_Guild_of_St_Joseph_and_St_Dominic. Acesso em: 02 maio 2023.

FREIRE, Guilherme. Chesterton e o distributivismo. In: **Homem Eterno**, Campina Grande, online, jul. 2013. Disponível em: http://homemeterno.com/2013/07/chesterton-e-o-distributivismo/. Acesso em: 07 nov. 2019.

FREIRE, Guilherme. Chesterton e o distributivismo. In: **Instituto de Formação e Educação Campinas**, Campinas, online, 31 ago. 2015. Disponível em: http://ife.org.br/chesterton-e-o-distributivismo-por-guilherme-freire/. Acesso em: 1º maio 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projeto de Pesquisa**. 4ª Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HACKL, Thomas. Kontrast.at, 2021. **Eines der größten Unternehmen Spaniens gehört seinen Arbeitern, die Genossenschaft Mondragón**. Disponível em: < https://kontrast.at/mondragon-genossenschaft-baskenland/>. Acesso em 10 de jun. de 2023.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1878-1903: Leão XIII). **Carta encíclica de Sua Santidade o Papa Leão XIII "Rerum Novarum" sobre a condição dos operários**. 1891. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/leoxiii/pt/encyclicals/documents/hf_lxiii_enc_15051891_rerum -novarum.html. Acesso em 07 nov. 2019.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1958-1963: João XXIII). **Carta encíclica de Sua Santidade o Papa João XXIII "Mater et Magistra" sobre a evolução da questão social à luz da doutrina cristã**. 1961. Disponível em: w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater.html. Acesso em 07 nov. 2019.

IRINEU DE LYON**. Contra as heresias**. IV Livro, 20, 7. Tradução de Lourenço Costa. Coleção Patrística: coleção de Padres da Igreja, vol. 4. 1ª Ed. São Paulo: Paulus, 1995.

MELÉ, DOMÈNEC. **Cristãos na sociedade: introdução à Doutrina Social da Igreja**. Tradução de M. Alves de Sá. Biblioteca de Iniciação Teológica, vol. 7. 1ª Ed. Lisboa: DIEL, 2003.

NASCIMENTO, Rhuan Reis do. Hilaire Belloc e o Distributismo: um estudo sobre a teoria econômica formulada pelo historiador francês a partir de sua crítica ao capitalismo (século XX). In: ENTRE O LOCAL E O GLOBAL, 1., 2016, Nova Iguaçu. **Anais do XVII Encontro de História da Anpuh-Rio**. Internet: Anpuh-Rio, 2016. p. 1-10. Disponível em: http://www.encontro2016.rj.anpuh.org/resources/anais/42/1465574623_ARQUIVO_Artigo.pdf. Acesso em 07 nov. 2019.

NASCIMENTO, Rhuan Reis do; SILVA, Alessandro Garcia da. A Propriedade na Doutrina Social da Igreja Católica. **Revista de Geopolítica**, Natal, v.9, nº 2, p. 106-121, jul./dez. de 2018. Disponível em: http://www.revistageopolitica.com.br/index.php/revistageopolitica /issue/view/19/showToc. Acesso em: 07 nov. 2019.

PORTAL DO COOPERATIVISMO FINANCEIRO. Portal do Cooperativismo Financeiro, 2016. Cooperativismo de Crédito na Espanha: **O Case de Mondragón, na Espanha**. Disponível em:<https://cooperativismodecredito.coop.br/cenario-mundial/expressao-mundial/cooperativismo-de-credito-na-espanha/o-case-de-mondragon-na-espanha/>. Acesso em 22 de fev. de 2023.

ROMEO, Nick. The New Yorker, 2022. Currency: **How Mondragon became the world's largest co-op**. Disponível em: <https://www.newyorker.com/business/currency/how-mondragon-became-the-worlds-largest-co-op>. Acesso em 10 de jun. de 2023.

SACHERI, Carlos Alberto. **A Ordem Natural**. Tradução de Renato F. O. Romano. 1ª Ed. Belo Horizonte: Edições Cristo Rei, 2014.

SILVA, Diego Guilherme da. Chesterbelloc e o Distributivismo. **Revista In Guardia**, online, Ano I, v.5, p. 36-37, 8 abr. de 2012. Disponível em: https://issuu.com/inguardia/docs/inguardia.09-04-12. Acesso em 07 de nov. de 2019.

TOMÁS DE AQUINO. Suma Teológica. **IaIIae, q.90, a.2, res**. São Paulo: Editora Ecclesiae, 2001.

VILLAR, Ignacio Blanco-Traba. Una nota bibliográfica: el distributismo, alternativa social y económica al capitalismo y al socialismo. **Iberian Journal of the Economic Thought**, online, vol.7, nº2, p.171-182, novembro de 2020. ISBN-e: 2386-5768. Disponível em: http://dx.doi.org/10.5209/ijhe.72213. Acesso em 30 jan. 2023.

VILLEY, Michel. **Questões de Tomás de Aquino sobre direito e política.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.